História de vida de D. Pinah sob a ótica da narrativa individual e do At-9

Anna Cristina Pires-de-Mello
Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Fernando Pessoa (UFP)

Resumo

Este estudo de caso fez parte da pesquisa (2007 – 2009), aprovada pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e pela Universidade Católica de Brasília (UCB), "Imaginário, idosos tabagistas asilados e organização de asilos: organizacionalidade antropolítica – IATO -". D. Pinah (DP), natural da Bahia, sexo feminino, letrada, viúva, 74 anos, residente em Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), no Distrito Federal (DF), desde 2004. Para ela a espiritualidade simboliza Deus e significa força para viver, sendo, assim, identificado como um valor. O objetivo deste trabalho foi demonstrar que a espiritualidade é um valor de referência positiva. A coleta livre de fala, a pesquisa documental e a aplicação do Arquétipo Teste de 9 elementos, foram os materiais utilizados como elucidação dos aspectos subjetivos contidos em sua história de vida. Manteve como ideal o estudar, pois entrou no mercado de trabalho, desde criança, para ajudar no sustento da casa, sendo-lhe então negado temporariamente o alcance desta meta. A espiritualidade possibilitou-lhe a conectividade com todas as demais áreas de interesse: trabalho, família e estudo, no qual fez progressos no aprendizado de informática e de idiomas. DP tem como traço perfil resiliente, demonstrado em sua conduta e constatado através de sua narrativa com os indicadores de cidadania, otimismo, crenças positivas, progresso pessoal, como forma de servir a Deus.

Palavras-chave AT-9, espiritualidade, gerontologia, história de vida.

Abstract

This case study was part of the research (2007 - 2009), approved by the National Research Council (Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq) and the Catholic University of Brasília (Universidade Católica de Brasília - UCB), "Imaginary, institutionalized elderly smokers and organizing asylums: anthropolitic organizacionality - IATO".Mrs. Pinah (DP), a native of Bahia, female, literate, widow, 74 years old, residing at a Long-stay Institution for the Aged (Instituição de Longa Permanência para Idosos - ILPI), in Distrito Federal (DF), since 2004.For her spirituality symbolizes God and it means strength to live, being thus identified as a value. The aim of this study was to demonstrate that the Spirituality is a positive reference value. A free collect of speech, documentary research and application of Archetype Test 9 elements, were the materials used as elucidating the subjective aspects contained in her life story. She kept as ideal to study because she entered the job market since a child to help support her home and being then temporarily denied achieving this goal. Spirituality enabled her connectivity to all other areas of interest: work, family and study in which made progress in information technology and language learning. DP has the trait resilient profile, shown in her conduct and found through her narrative with indicators of citizenship, optimism, positive beliefs, personal progress as a way of serving God.

Keyword AT-9, spirituality, gerontology, life story.

O envelhecimento humano é um processo histórico universal. A contextualização, valor e lugar de pertencimento do ser humano que envelhece são característicos em cada época e em cada cultura. A atualidade se configura demograficamente, com a expectativa de que o Brasil seja, a partir de 2020, a sexta população mais idosa no planeta, trazendo a necessidade de novos entendimentos sobre o idoso.[1]

O parâmetro de longevidade no Brasil encontra-se em crescimento. De acordo com o índice demográfico, características demográficas abordam a evolução através da taxa de crescimento e de indicadores básicos de natalidade, mortalidade, idade e sexo, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Atualmente, a parcela da população brasileira adulta e idosa é maior do que a de crianças e jovens, fator que indica a necessidade de melhoria de serviços de apoio, saúde, educação e moradia para que diferenciados núcleos atendam a demanda requerida na velhice, bem como é necessário ampliar o conhecimento, quanto às novas formas e configurações nas quais as famílias se constroem e vivem atualmente. Pesquisas realizadas no início do século XXI demonstram que, em 2050, cerca de 20% da população mundial será constituída por indivíduos idosos.[2]

As famílias por si mesmas nem sempre dispõe de condições socioafetivas e financeiras para que seus membros possam permanecer sob o mesmo teto, sendo assim, torna-se cada vez mais importante o investimento no setor de políticas públicas, o olhar direcionado à implantação de novas opções de cursos técnicos, a capacitação profissional voltada para a área da saúde, bem como a ampliação de moradia assistida, como a referente às Casas Geriátricas e Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI).

A ILPI oferece uma prestação de serviço básico, que mesmo quando direcionada aos cuidados essenciais relacionados à medicação, higiene e alimentação de acordo com a rotina de horários, é essencial ao viver do idoso. Além disso, a dinâmica do movimento de incentivo proporcionada pelo convívio com os colegas do abrigo e rotinas elaboradas por profissionais da área da saúde, além do trabalho exercido por voluntários, atua como propulsor de rede social,[3] gerando ganhos como os descritos por DP, no estudo longitudinal, base deste artigo.

1 Ver: NERI, Anita Liberalesso. (Org) *Qualidade de vida na velhice*. Enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2007. 394.p. Indicativos da qualidade de vida e fenômeno de feminização da velhice.

2 GARBI, Maria Rita Novaes. et al. "Suplementação de micronutrientes na senescência: implicações nos mecanismos imunológicos". *Rev. Nutr.*, Jun 2005, vol.18, n.3, p.367-376. ISSN 1415-5273 (1). Indicativos de cuidados relacionados a saúde do idoso.

3 Ver: SLUZKI, Carlos E. *A rede social na prática sistêmica*: *alternativas terapêuticas*. 3ed. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 153.p. Indicativo da importância da rede social como construção cidadã.

A configuração da família brasileira no século XXI encontra-se diante de novos desafios, bifurcados quanto à funcionalidade monoparental, mulheres chefe de família, entre outros e quanto aos conflitos religiosos e intergeracionais, que aliados ao fenômeno da viuvez e da violência praticada contra o idoso, geram condições possibilitadoras para que ocorra o asilamento de idosos.

Em linhas convergentes, durante o processo de envelhecimento, também se acrescentam as disfunções orgânicas e desgastes naturais causados pelo passar do tempo, os quais podem originar doenças que dificultam ou impedem a permanência do idoso no convívio com a família, sendo necessário que sua moradia seja transferida para uma ILPI ou hospital, conforme a gravidade do quadro.

As alterações ocorridas nos últimos setenta anos, durante o pós-guerra, tais como a mudança de ação da mulher, em geral, de um papel único, de cuidadora do lar, para uma forma de viver o cotidiano direcionado também ao universo da produtividade remunerada e direitos trabalhistas, antes reduto masculino,[4] impulsionam a permanência da mulher no mercado de trabalho, externo ao lar, fato que altera em muitos aspectos a vida em família, gerando inicialmente a agudização do sistema e em seguida, adaptações diante de uma condição infra, na qual se observa a redução de apoio socioafetivo, ancorada no acolhimento e na presença doméstica, como fator essencial no convívio cotidiano vinculado ao afeto e prioritário nas perdas e lutos, antecessora da finitude humana ou morte, comum ao cotidiano do ser que envelhece.

Perdas, lutos e morte são alguns dos marcadores antropológicos que fazem parte do percurso histórico da humanidade e povoam a imaginação e o imaginário[5] A imaginação humana classifica, organiza, produz e seleciona as imagens e o imaginário individual ou grupal o funcionaliza de acordo com as condições conflitantes que se ordenam entre a natureza e a cultura conforme reza o 'trajeto antropológico'[6] durandiano.

O trajeto antropológico realizado pelas ações do contingente feminino no Brasil, notadamente desde o término da Segunda Guerra Mundial, indica a constante busca de autonomia, de liberdade e de condições de escolha, alicerçando meios, com ações pontuais,

4 McGOLDRICK, Monica (Org). *Novas Abordagens de Terapia Familiar*. Raça, cultura e gênero na prática clínica. São Paulo: Roca, 2003. 492.p. Esclarecimento sobre a dinâmica funcional do patriarcado, funcionalidade e configuração de novos modelos de família.

5 Ver: SCHMALTZ NETO, Genis Frederico. "Correntes, maçãs e shinigamis: o imaginário do medo em death note". *Caderno de estudos*. Goiânia: UFG, 2011, p. 119-134. Esclarecimentos e funcionalidade sobre o imaginário e a imaginação complementam os dados durandianos.

6 Ver: DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 6. ed., Lisboa: Presença, 1989. 551.p. Indicadores conceituais sobre o imaginário, trajeto antropológico, mitos, arquétipos e espiritualidade. Ver também do mesmo autor, *A imaginação simbólica.* Trad. Carlos Aboim de Brito. 6. ed., Lisboa: Edições 70, 1993.

participativas e implementos em campos importantes como o acadêmico, científico, empresarial, entre outros, que possibilitam à mulher ascensão financeira, pertença, exercício da cidadania, como contextos objetivos de referência sócio-histórica, relacionado a novos papéis e funções validados pela atual cultura vigente.

Contribuição do Arquétipo Teste de 9 Elementos (AT-9) para a gerontologia

O AT9 é um teste projetivo criado pelo psicólogo Yves Durand[7], na década de sessenta, com o intuito de validar a teoria do imaginário de seu orientador, Gilbert Durand. O teste utiliza nove elementos, previamente escolhidos por sua condição antropológica e arquetípica cujo conteúdo simbólico permite acessar, no ser humano, imagens da arquetipologia sistematizada por seu professor. Estes elementos são: Queda, Espada, Refúgio, Monstro Devorador, Algo Cíclico, Personagem, Água, Animal e Fogo.

A estrutura na qual as imagens se organizam de forma dinâmica pode ser compreendida em seu sentido durandiano mais amplo, como arquétipo.[7] Arquétipo que representa então, o núcleo dinâmico que é como "um centro de força invisível".

O protocolo do teste AT-9 é constituído, inicialmente, por um conjunto de perguntas relacionadas aos dados básicos e pessoais, seguido de uma parte pictórica, na qual os elementos vão ser representados em imagens desenhadas, tendo ou outra parte discursiva, narrativa, como história escrita imaginada e já desenhada pelo sujeito, tendo por último um quadro resumo, onde vão ser registrados as representações, as funções e os simbolismos atribuídos, pelo sujeito autor, a cada um dos nove elementos. Finalizando as demandas, o teste apresenta um grupo de questões a serem respondidas para auxiliar na análise do AT-9.

Cabe também citar a contribuição do AT-9 por sua característica inclusiva e multidisciplinar, uma vez que sua aplicação é permitida aos profissionais de diversas áreas, tais como educação, antropologia, sociologia, entre outras. Isso confere a este teste uma posição diferenciada entre os testes cuja aplicação e interpretação cabe à psicologia, ampliando assim, a possibilidade para que profissionais de áreas diversas possam traduzir a linguagem do imaginário do ser humano ou do imaginário de grupos específicos, em seu funcionamento. Com isso, inclui os resultados como um dos parâmetros de análise no universo científico, uma vez que "ao postular que o sentido de um signo é a sua tradução por outro signo, pouco importa que ele seja visual (língua escrita ou língua de sinais), fonético (língua oral), tátil

7 Ver : DURAND, Yves. *Exploration de l'imaginaire. Introduction à la modelisation des univers mythiqués*. Paris: L'espace bleu, 1988. 340.p. Conceito, explicações e funcionalidade do Arquétipo Teste de 9 Elementos – AT-9.

(alfabeto braile), isto é, ele é resultante de acordo com Oustinoff,[8] de vários sistemas de signos ao mesmo tempo", como no caso do teste projetivo acima citado.

Embora a faixa etária até 80 anos, bem como o nível de instrução do sujeito tenha sido considerados por Durand na década de sessenta, como fatores de diferenciação, trabalhei com grupo de idosos analfabetos e com idade de até 93 anos, sem que isto fosse redutor da qualidade ou alterasse o resultado do trabalho. Este fato possibilita assim a continuação de pesquisas realizadas em faixas etárias diferenciadas para que o AT-9 seja mais um recurso utilizado, tendo como finalidade melhorar e esclarecer condições subjetivas do envelhecimento, predecessora da finitude humana, ampliando a qualidade do atendimento multiprofissional aos idosos.

Estudo longitudinal: D. Pinah (D. P.)

O estudo longitudinal foi realizado no período de abril de 2009 a setembro de 2013, teve como objetivo geral demonstrar que a espiritualidade é um valor de referência positiva. Para o sujeito autor, *a espiritualidade simboliza Deus e significa força para viver.* O objetivo específico foi identificar os construtos promovidos pelo acolhimento, os quais trouxeram melhoria de qualidade de vida com o convívio nas redes sociais estabelecidas na ILPI.

O objetivo acima descrito foi alcançado e verificado ao longo das narrativas trazidas pela idosa na descrição de sua história de vida, bem como comprovado no arcabouço credível formado por seu comportamento ético, resiliente e fático. A crença em Deus e a força para viver agregaram-lhe substratos afetivos e grande valia no convívio cotidiano, tanto em ambiente institucional quanto na vida social que a idosa está construindo, tendo como base o acolhimento do ser humano, seja na prestação de serviços comunitários ou nas atividades realizadas em parceria com a religião que ela professa.

Foi utilizado como procedimento ético o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e o método utilizado foi o de coleta livre de fala e pesquisa documental. A narrativa da idosa aclarou a importância atribuída, por ela, aos núcleos: espiritualidade, família de escolha, rede social.

Atualmente DP tem 74 anos, possui letramento básico (alfabetizada), é natural da Bahia. O marido faleceu em 1994, por envenenamento ao utilizar agrotóxico em sua prática

8 Ver: OUSTINOFF, Michel. *Tradução*: história, teorias e métodos. Trad. Marcos Marcionilo. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2011. 140.p. A referência à tradução foi utilizada tanto relacionada ao teste AT-9, quanto a narrativa dos idosos pois, por vezes, contém elementos que necessitam explicações dadas as gerações mais recentes.

profissional. Relata ter vivido um casamento duradouro, feliz e harmonioso, contextualizado em delicadezas. Tem uma filha, uma neta e uma bisneta, e não vê a família desde 2004.

Em sua fala consta que entrou no mercado de trabalho quando criança, aos dez anos. Morou com sua filha e genro até a sua ida para ILPI. Divergência e conflito religioso foi o motivo alegado pelo sujeito autor, em cujo relato verbal consta: *impossibilidade de convivência na mesma casa que eles.*

Trouxe em sua fala inicial, em abril de 2009, que gosta de morar no asilo, adicionando valor e atribuição de importância ao fato, uma vez que, o fortalecimento da estima e da pertença foi significativo pela ação de acolhimento do fundador e mantenedor da instituição, já falecido. No relato de 2013, acrescentou: *sabe, foi ele, aquele homem tão bom, que me recolheu da rua, eu estava doente ele nem quis saber se eu tinha dinheiro ou não para ficar aqui. Sou muito agradecida porque é por causa dele que eu estou viva. Aqui a gente tem a comida, a cama para dormir e alguma roupa*.

Confirma a vontade de permanecer na ILPI porque se sente feliz e porque não quer morar na casa dos outros. A narrativa de DP sobre o tipo de convivência com suas ex-patroas é ambíguo e confuso, pois tanto se refere ao trato humanizado, quanto ao trato com violência, característico das relações conflituosas: *quando eu tinha dez anos eu fui trabalhar como babá para ajudar a minha mãe. Depois fui para casa de um delegado porque eu apanhava da minha ex-patroa. Morava no Rio, ela (a patroa, esposa do delegado) tinha muita paciência comigo, eu abracei tudo o que ela me ensinou. Sei cozinhar e lavar, sou de forno e fogão.*

Traduziu significados subjetivos de qualidade de vida, ou seja, a condição de sentir-se bem nos contextos de saúde física e orgânica, valores, trabalho e espiritualidade.[9] Para ela, o local de abrigamento foi de fundamental importância pelo fato de na ILPI, ter tido acesso ao estudo: *gosto muito daqui porque eu estudo, faço aula de informática e de artesanato*.

O acesso ao estudo despertou-lhe interesse e a idosa acrescentou idiomas ao seu cotidiano de atividades. A rede social da qual ela faz parte atualmente facilitou que a necessidade de partilhar, resguardada por décadas em sua vida, pudesse existir em território pacato e confiável de convívio. Aos professores de inglês, espanhol, francês e de computação se refere utilizando palavras de admiração, carinho e respeito. *Agora (2013) minha vida é feliz, é cheia de atividade. Agora mesmo eu disse: que bom que você veio aqui de manhã, porque de tarde, depois que eu dormir um pouquinho, vou ter aula. Tem professor que vem aqui só para dar aula para mim, então não posso faltar, e nem quero, principalmente agora que eu não danço mais, por causa da igreja. Só canto para servir a Deus. E sabe a novidade? Já vou até*

9 Ver: LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. *Qualidade de vida no trabalho: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós industrial.* São Paulo: Atlas, 2003. 224.p. Indicativos de qualidade de vida que se aplicam ao contexto institucional vivenciado pelo sujeito DP em sua trajetória de atividades.

receber meu certificado da informática, antes daquela outra vez que você vinha aqui, eu estava no comecinho do computador e do inglês, depois eu gostei da aula de espanhol também e o francês foi de curiosidade, mas é bom aprender.

O outro significado de qualidade de vida atribuído pela idosa refere-se à família: *minha família era muito pobrezinha, eu morava numa casinha de pau e sapé. Se eu não tivesse casa eu ia morar num barraquinho. É de uma coisa pequena que se chega em uma coisa grande. Eu era a única menina. Eu era o dengo da minha mãe e do meu pai, tenho quatro irmãos. Conheci o meu marido quando eu tinha 18 anos. Meu casamento foi muito tranquilo ele era muito bom comigo, muito carinhoso. Desde que ele foi embora nunca mais eu tive ninguém porque sei que não seria igual e quem já foi feliz não se contenta com menos. Eu fico triste quando vejo alguém ficando doente para morrer. É assim, a pessoa fica tristinha, perde o apetite, fica assim mesmo sabe... Só nos ossinhos. A gente luta pra ver se a pessoa come qualquer coisa, é triste ver o amigo em cima da pedra. Depois vem o carro e leva o corpo embora, eu não tenho coragem de ver, porque é muito triste e eu me alembro quando meu marido morreu.*

Trouxe em sua fala a importância do aprendizado e da convivência com as colegas de atividade (aula de artesanato, computação e dança), este fato pode configurar a importância da rede social tanto como apoio e campo protetor para o ser humano, quanto de eufemizador da pobreza, pois ser pobre não é apenas não ter, mas ser coibido de ter. "A pobreza[10] é, em sua essência, repressão, ou seja, resultado de discriminação sobre o terreno das vantagens [...]. Pobreza é sempre também humilhação, degradação e subserviência, e não só a fome", aspectos que fizeram parte do passado do sujeito, como apanhar da patroa, passar necessidades, entre outros.

Pobreza, conflito religioso, separação da família, luto e perda de posição sociocultural, na interpretação subjetiva do sujeito autor, a perda é referenciada conscientemente, a partir da morte de seu marido, a desesperança no futuro pela perda do ente querido[11] e pela readaptação social a partir do luto.[12]

10 Ver: DEMO, Pedro. *Pobreza política*. 3 ed. Campinas: EAA, 2006. 120.p. O contexto sociopolítico explicitado pelo autor, dinamiza a problemática contextual de DP e explicita a construção cidadã em sua historiografia.

11 Ver: BACHELARD, Gaston. *A intuição do instante*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. Campinas: Verus, 2007. 107.p. As mudanças bruscas e inesperadas, (o instante) sofridas por DP em seu cotidiano se encaixam na filosofia explicitada por Bachelar.

12 Ver: MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Trad. Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997. 327.p. A dinâmica da complexidade diante do luto, da dor e da morte trazem com clareza a realidade vivenciada por DP.

Aclarando fatos, relatou a violência que antecedeu o luto familiar, tendo por palco o contexto sócio-histórico da periferia do Rio de Janeiro, fato que vitimou e antecipou a morte de sua mãe, por assassinato, e por estupro uma de suas sobrinhas, à época com nove anos.

O cotidiano vivido em local de vulnerabilidade, por estar localizado em área de favelização, briga de gangues e tráfico de drogas, trouxe-lhe como consequência a redução da vida socioafetiva compartilhada com membros da comunidade. Relatou que por medo e insegurança restringiu seu convívio com o grupo de moradores, conservando somente o contato cotidiano familiar doméstico, extensivo também a uma senhora vizinha de sua casa, além do convívio em ambiente laboral.

Trouxe como informação adicional que *a espiritualidade simboliza Deus e significa força para viver*, sendo, assim, identificado como um valor. Ela jamais aceitou nenhum tipo de favorecimento ou proteção vinda de elementos ligados ao tráfico, fato que, segundo ela, *trariam alívio e sossego financeiro, mas que machucariam seu coração.*

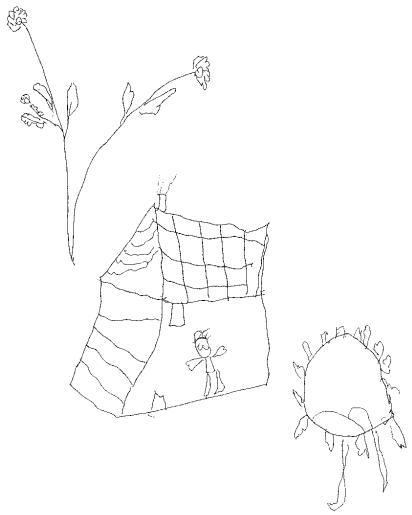
Estes relatos dinamizaram informações aos fatos anteriormente vivenciados, por ela, e que não haviam sido mencionados na coleta de dados inicial, realizada em abril de 2009.

A chance de sentir-se entre iguais foi elaborada em atividades realizadas rotineiramente na instituição, embora não se refira aos outros abrigados como irmãos e sim como colegas e amigos. Irmãos, para ela, são biológicos e os membros da congregação religiosa que presta serviço na ILPI em questão, em cujo entrosamento minimizou sua tristeza e angústia, ressignificando valores, ampliando sua atuação participativa através da 'conectividade', ou seja, a partir das possíveis relações interpessoais realizadas por conexões que estejam ancoradas na espiritualidade, simbolizada pelo sujeito autor, por *Deus e força para viver.*

Análise dos dados do sujeito contidos no protocolo AT-9

Neste protocolo, as representações imagéticas dos estímulos arquetípicos dos 9 elementos estão relacionadas ao imaginário durandiano. A parte pictórica mostra um personagem dentro de casa e um monstro do lado de fora, aparecendo um galho com flores ao lado da casa. O elemento personagem (boneca) aparece desenhado, representado dentro da casa (refúgio), o que começa a identificar a estrutura mística, assim como a fumaça na chaminé, que indica que existe fogo doméstico a cozinhar comida, o alimento dentro daquela casa, o que nos remete a Betcherev, citado por Durand[13], com a descoberta da dominante

13 DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 6. ed., Lisboa: Presença, 1989. 551.p. Indicadores conceituais sobre o imaginário, trajeto antropológico, mitos, arquétipos e espiritualidade. Ver também do mesmo autor, *A imaginação simbólica.* Trad. Carlos Aboim de Brito. 6. ed., Lisboa: Edições 70,



digestiva, que conduz a identificar um imaginário com estrutura antifrásica. Yves Durand nos leva a observar a posição do personagem no desenho: a sua proximidade ou distância com os demais elementos do teste, pois afinal ele é o protagonista da história imaginada; é nele que o sujeito autor se projeta.

O elemento queda é representado, pelo sujeito autor, por uma flor, cuja função é a de renascimento simbolizando a beleza. Para Chevalier e Gheerbrant[14] o simbolismo da flor pode estar associado aos estados de instabilidade, fenecimento, temporalidade.

A flor (queda) pode neste contexto representar a família desfeita pela morte e pela ausência do conviver cotidiano. O sujeito trouxe em sua fala que por divergências religiosas entre ele a filha e o genro não foi possível a convivência familiar sob o mesmo teto. A flor está fora da casa.

Existe também uma sensação de perda e de subtraimento de direitos, pelo fato de que ela não convive com a neta, cujo nascimento ocorreu no mesmo ano da morte de seu marido. Morte e vida representadas no simbolismo do renascimento, na queda, na imagem da flor/beleza contextualizando, assim, o distanciamento de uma base de sustentação.

Perdas, mudanças bruscas, representadas pela imagem da queda, na referência cíclica na vida do sujeito, foram relatadas na coleta livre de fala. A primeira perda foi sofrida aos dez

1993.

14 Ver: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melin, Lucia Melin. 23. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. 996.p. A análise de todos os elementos do teste AT-9 tem como base a compreensão simbólica, motivo pelo qual este dicionário torna-se essencial ao trabalho realizado.

anos quando deixou a casa de seus pais para trabalhar como babá, entretanto identifica a perda mais significativa com a morte de seu marido. O marido representava, para ela, a estabilidade, o conforto emocional e a beleza simbolizada pelo casamento. A queda associada à flor pode ser contextualizada como a instabilidade consequente da viuvez, como perda, uma vez que é símbolo da condição perene da beleza.[15]

A morte do marido, portando sua viuvez, marca o luto, expressa a perda da beleza, que renasce com o nascimento da neta. Um reencantamento desfeito com a separação da familia e sua ida para a ILPI, que também pode ser expressa como luto. Encontra-se aqui uma inferência, a possibilidade de entendimento sobre as duas flores desenhadas, que nascem da mesma haste e crescem em sentidos opostos, lembrando a separação, o lar desfeito.

O marido e a neta: diferentes belezas não existentes no cotidiano do sujeito. A familia representada por ela, também se encontra duplamente desfeita, pois deixou a casa dos pais para trabalhar e deixou a familia por impossibilidade de convivência por motivo religioso, segundo relatou.

Paralelamente à viuvez, relatou sentir muito medo, sendo acometida por pesadelos frequentes. O pesadelo se repete ciclicamente, com a imagem de uma aranha que se esconde debaixo de seu travesseiro e lhe perturba a vida e o sono. Um dicionário de símbolos traz a aranha e a flor associadas aos ciclos do tempo da morte e da sexualidade.

Diante da angústia de movimento temporal representado pela aranha, medo e pesadelo, funde e confunde a realidade anteriormente vivenciada no casamento com a realidade atual de viuvez, na imagem da aranha que lhe traz medo. Relembra, assim, medos e quedas, simbolizados como perdas e vivenciados ainda no seu cotidiano em forma de temores e de pesadelos.

O elemento espada não se encontra relatado verbal ou pictoricamente. Yves Durand menciona o aspecto inofensivo do elemento espada, utilizado como utensílio. O sujeito não imagina uma luta com seus medos. Elimina a possibilidade de vencer o seu monstro, não relatado, porém existente no discurso e registrado no quadro do final do protocolo AT-9. A aranha, o medo e o pesadelo encontram-se representados, funcionalizados como uso mitológico e simbolizados também nos elementos cíclico, monstro e animal, pois monstros existem para serem vencidos.[16]

15 DURAND, Gilbert. *Op. cit.*

16 Ver: DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Trad. Cid Knipel Moreira. Campinas: Papirus. 1994. 241.p. Indicativos complementares para ampliar a compreensão sobre os símbolos e mitos contidos nas narrativas de DP.

O sujeito não reage ao monstro, apenas se coloca dentro do refúgio casa, como se pode ver no desenho do teste, o que encaminha para a presença de uma estrutura mística do imaginário.

O elemento animal é representado no desenho e no quadro do teste por uma aranha, cuja função é a de *monstro*, simbolizando o *medo*. Neste elemento observa-se que a morte é apresentada como um monstro que amedronta. O sujeito o considera, mas nem reage e nem luta contra ele. A aranha nem sempre é visível, pois muitas vezes é *sentida* embaixo do travesseiro, conforme relatou, sendo visível para ela somente em seus pesadelos. Matar o monstro, vencer, eufemizar ou escamotear o medo e o temor da morte são reações diferentes, mas ambas humanas, universalmente.

Estas variadas maneiras de enfrentar um problema, seja lutando, eufemizando ou conciliando os próprios temores, podem ser consideradas como uma possibilidade de superação das perdas, transmutando a dor em aprendizado; podendo ser visto assim, um princípio organizador do ser humano, que identifica a estrutura do seu imaginário, a maneira específica e especial de cada um interpretar e simbolizar o mundo.

A aranha representa um princípio de ambivalência simbólica na religiosidade, traz em si a essência da reflexão entre a essência e a existência. A teia é comparada ao destino, portanto ao que está longe do alcance do controle humano. Bipartição entre o divino e o terreno; paz e conflito religioso, conforme consta na história de vida do sujeito autor.

A aranha pode ser associada à queda também na dinâmica postural de verticalidade. Verticalidade que se apresenta invertida, uma vez que a aranha é capaz de tecer o seu fio de cabeça para baixo. A inversão é referente ao regime diurno de imagens. A verticalidade invertida, (de cabeça para baixo) e o fio comparado ao cordão umbilical, encontram-se como conteúdo da dinâmica do nascimento, no qual o parto é comparado à primeira queda do ser humano.

O fio tecido pela aranha contém o simbolismo do cordão umbilical, que une o homem a Deus.[17] O elemento refúgio do teste AT-9 encontra-se representado pictoricamente por uma casa, que tem a função de moradia, simbolizando a pobreza, o que condiz com a história do desenho do teste: *eu morava numa casinha de pau e sapé.* A casa é símbolo do feminino, do aconchego, do refúgio; traz em si o contexto da intimidade, do lugar essencial de encontro consigo mesmo, com a reflexão, com o corpo, com a nacionalidade e com a religião.

O sujeito traz em sua narrativa que por necessidade financeira, ainda criança separou-se de sua família biológica, ingressando no mercado de trabalho. Ela relata, na história

17 Ver: HILL, Peter C; PARGAMENT, Kenneth I. "Advances in the conceptualization and measurement of religion and spirituality: implications for physical and mental health research". *Am Psychol* 58(1):64-74, 2003. 277.p. Indicador de importância da dimensão espiritual como transcendência e ações positivadas.

do seu desenho, fatos reais de sua própria vida, não realizando uma dramatização estimulada pelos 9 elementos.

Observa-se no relato verbal do sujeito uma eufemização e passividade, relacionada às perdas ou quedas, o que remete a estrutura mística, simbolizada tanto nos conteúdos material e emocional, quanto cultural, religiosa e social: pobreza, separação da família, conflito religioso, luto e perda de posição social, uma vez que, na interpretação subjetiva do sujeito autor, a perda é referenciada conscientemente, a partir da morte de seu marido.

O conteúdo passivo existente na fala e no comportamento do sujeito pode se relacionar à tentativa espontânea de refugiar-se no útero materno, quando se refere a uma posição de não se confrontar, desde a infância, com o preestabelecido. Na ILPI relata que não se incomoda nem mesmo com a bagunça de sua companheira de quarto. *Não gosto de brigar, mesmo quando a minha companheira de quarto faz desordem.* Quarto, igreja, lugar, crença religiosa, fé, simbolizados como casa, útero, representam, para Durand[6], proteção primitiva de referência materna.

O elemento personagem é representado por uma *boneca*, cuja função é o amor materno e simboliza *dengo e carinho*. A boneca como personagem pode ocupar, no imaginário do sujeito autor, referência de bons tempos, felicidade, recordações amenas, como uma das formas de eufemização da dor e da pobreza.

O elemento água não consta pictoricamente, mas é representado no quadro do teste como um *riachinho* com função de *molhar,* simbolizando positivamente o refrigério *(refrescar).*

A simbologia do elemento água representada por um riachinho, funcionalizado em molhar e simbolizando o refrescar (refrigério, pois refrescar é função), se inicia, tendo o regime diurno de imagens como arcabouço. Contudo, por características da dinâmica do movimento passa ao regime noturno de imagens.

O elemento fogo é representado por fumaça, cuja função é o alimento processado (comida), simbolizando o alimento. O impasse causado pela diferença de prática de crenças religiosas ocasionou a ruptura na convivência entre o sujeito autor, sua filha, genro e neta. A espada funcionalizada em luta ocasionaria provavelmente um conflito, mas possibilitaria também, uma resolução. No entanto, este heroísmo não ocorre.

O aspecto inexistente do elemento espada possibilitou ao sujeito autor, a ampliação de recursos de aprendizado, (alimento). Segundo o relato verbal do sujeito autor, morar na ILPI proporcionou o aprendizado da dança e da computação e trouxe-lhe novas amizades. *É melhor do que viver na casa dos outros.* No caso de DP observa-se que a ILPI possibilita que ela tenha um cotidiano de novos aprendizados, ocupando o lugar cronológico com atividades

que lhe trazem alegria, conforme relatou, nos encontros da pesquisa: *eu gosto de dançar e de cantar. Aqui tem festa.*

O sujeito trouxe contido nas informações verbais, durante a coleta livre de fala, entrevista e aplicação do protocolo do AT-9, a importância real da convivência de acordo com a oferta do ambiente, ILPI, uma vez que por si mesmo atua dentro da ordem preestabelecida.

Estudar computação e ver filmes (comédias) com o ator Ed Murphy lhe proporciona alegria. Este assunto foi rememorado em 2013, pelo sujeito autor, sempre com satisfação, e serviu como facilitador dos diálogos, além de recordação de fatos relacionados ao grupo de sujeitos que participou da pesquisa.

O aspecto inofensivo do fogo pode representar segundo Yves Durand, a condição fusional mantida entre o feto e a mãe[7], corroborando a significação de seu comportamento pacato e direcionado.

Considerações finais

Constatam-se aqui os efeitos benéficos e duradouros proporcionados pela crença da espiritualidade, pois, segundo ela, espiritualidade é *Deus e força para viver*, conforme o verificado em sua história de vida. Diante disso, a espiritualidade foi identificada como um valor atribuindo significado ao convívio socioafetivo, no ambiente da ILPI, aglutinado pela rede social, sendo assim, um efeito benéfico e duradouro uma vez que faz parte da vida e da integridade do sujeito autor, conforme se verifica nas narrativas ao longo do texto.

Para DP, a rede social formada pelos colegas do abrigo e irmãos da igreja foi o contexto que aclarou e favoreceu a expressão dos sentimentos e a percepção de bem estar, refletindo, assim, beneficamente a condição de viver agregando qualidade ao cotidiano, com resiliência diante do envelhecimento longe da família, da feminização, da velhice[1] e da condição de abrigamento.

A ILPI em questão professa crença religiosa baseada na caridade e prestação de serviços, recebe membros de outras entidades religiosas que prestam serviço voluntário e observa-se que a condição de convívio entre funcionários, cuidadores e abrigados é favorecida pela prática da religiosidade, ancorada na crença otimista de que para tudo haverá uma solução; fato que corrobora a crença pessoal que DP tem sobre a espiritualidade, inclusive como elemento favorecedor de sua resiliência.

A análise do protocolo do AT-9 é um elemento auxiliar de valia, pois o conteúdo simbólico é vívido no humano, e nem sempre é referenciado na fala ou presente no contexto objetivo do reconhecimento sobre algo benéfico ou conflitante da vida do sujeito.

O AT-9 funcionaliza e amplia a comunicação por ser um elemento de caráter lúdico 'desenho', trazido assim da memória sensório-motora como facilitador dos diálogos, principalmente na população de padrão não contínuo na vida escolar formal, pois o elevado bojo de aprendizado acadêmico conteudista facilita a condição verbal, mesmo que teórica, possibilitando que o sujeito atue em sua máscara social ao invés de sentir e expressar-se afetivamente, como o rotineiro nas pessoas menos favorecidas pela dificuldade ascensional sociofinanceira.

Ambas as populações sentem, por vezes, vergonha de algo em si mesmo, embora a referenciem em formatos diametralmente opostos. O sujeito de condição escolar básica ou incontínua geralmente verbaliza que não se expressa corretamente e só assina o nome, sendo isto acompanhado de acabrunhamento, rubor, mudança constante na postura corporal, enquanto o sujeito de visibilidade social geralmente minimiza o sentir, esconde-se atrás de sua condição profissional, acadêmica ou financeira, subtraindo-se por vezes da condição de compreender que os itens de referência que compõe a estrutura social não são a totalidade da vida.

A vida sem o sentir reconhecido e validado internamente transforma o humano em caricatura de si mesmo. O caráter lúdico do AT-9 transporta o humano para si, para o conteúdo simbólico, para o espaço verdadeiro do existir, que pode então, ao ser acionado, aflorar produzindo sentido para a vida. Produção de sentido foi a razão pela qual este teste projetivo foi trazido como referência e destaque neste artigo.

Em DP a condição benéfica mais utilitária da espiritualidade assume a condição de conectar-se de formas diferenciadas ao cotidiano, alcançando resultado no campo da aquisição de conhecimento formal com o progresso contínuo no aprendizado de computação e de idiomas, descobrindo e transformando assim algo rotineiro em transcendente e sagrado[15]. A idosa simbolizou a figura do professor em um Mestre a ser seguido, a doutrina, em livros e material didático. Práticas ancoradas no ritual exercido no ato de frequentar as aulas e de progredir. Progresso pessoal e transcendente levando-se em conta a realidade de sua vida pregressa, adicionando, ainda, mais valor ao ato que desemboca no rito coroado pelo certificado entregue a ela, ao final do curso de computação.

Estudar foi, portanto, o aspecto que se tornou sagrado para DP, conferindo-lhe ascensão e qualidade de vida ancoradas no exercício e vivência da espiritualidade em todos os contextos de sua vida, ressaltados socioculturalmente no exercício contínuo de prestar serviços comunitários e de cantar para servir a Deus.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A intuição do instante*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. Campinas: Verus, 2007. 107 p.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melin, Lucia Melin. 23 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. 996 p.

DEMO, Pedro. *Pobreza política*. 3 ed. Campinas: EAA, 2006. 120 p.

DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Trad. Cid Knipel Moreira. Campinas: Papirus. 1994. 241 p.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 6 ed., Lisboa: Presença, 1989. 551 p.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica.* Trad. Carlos Aboim de Brito. 6 ed., Lisboa: Edições 70, 1993. 103 p.

DURAND, Yves. *Exploration de l'imaginaire*: introduction à la modelisation des univers mythiqués. Paris: L'espace bleu, 1988. 340 p.

GARBI, Maria Rita Novaes. et al. "Suplementação de micronutrientes na senescência: implicações nos mecanismos imunológicos". *Rev. Nutr.*, jun. 2005, vol. 18, n. 3, p. 367-376.

HILL, Peter C; PARGAMENT, Kenneth I. *"Advances in the conceptualization and measurement of religion and spirituality: implications for physical and mental health research'. Am Psychol* 58(1):64-74, 2003. 277 p.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. *Qualidade de vida no trabalho: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós industrial*. São Paulo: Atlas, 2003. 224.p.

McGOLDRICK, Monica (Org). *Novas Abordagens de Terapia Familiar. Raça, cultura e gênero na prática clínica.* São Paulo: Roca, 2003. 492 p.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Trad. Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997. 327 p.

NERI, Anita Liberalesso. (Org). *Qualidade de vida na velhice*: enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2007. 394 p.

OUSTINOFF, Michel. *Tradução*: história, teorias e métodos. Trad. Marcos Marcionilo. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2011. 140 p.

SLUZKI, Carlos E. *A rede social na prática sistêmica*: alternativas terapêuticas. 3 ed.Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 153 p.

SCHMALTZ NETO, Genis Frederico. "Correntes, maçãs e shinigamis: o imaginário do medo em death note". In: *Caderno de estudos*. Goiânia: UFG, 2011, p. 119-134.